



## Encontro Inter-regiões - Sul

Região Sul - Evento virtual  
De 1 a 31 de outubro de 2020



### EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00780
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>CAMPUS</b>	Juvevê - Curitiba
<b>CIDADE</b>	Curitiba
<b>UF</b>	PR
<b>CATEGORIA</b>	PP
<b>MODALIDADE</b>	PP05
<b>TÍTULO</b>	Saúde e Funk: Um Jingle Sobre Prevenção a ISTs no Meio Universitário
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Jéssica Evelyn Reis
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Publicidade e Propaganda
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Esther Zuniga Guedes de Castro Lira (Universidade Federal do Paraná); Sarah Barrie Matalon (Universidade Federal do Paraná); Eveline Stella de Araujo (Universidade Federal do Paraná)

### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Em tempos anteriores às redes sociais, pedir para um amigo passar o recado, deixar um bilhete na mesa ou mesmo enviar um correio elegante para alguém especial provavelmente eram as opções mais usadas por quem deseja contar para alguém anonimamente o quanto gosta dessa pessoa. Hoje, uma nova ferramenta possibilitada pela tecnologia foi criada para cumprir esse papel: os chamados spotteds. Um spotted é uma página no Facebook em que são publicados recados de remetentes anônimos. Comum no meio universitário, geralmente cada curso ou departamento de uma universidade tem seu próprio spotted, criado por alunos e administrado por algum deles, que recebe essas mensagens de forma anônima e as publica. Com o tempo, os spotteds deixaram de ser um espaço exclusivo para paquera e se tornaram ambientes também para desabafos, indiretas e reclamações. Em abril de 2019, o seguinte recado foi postado no spotted do campus de Comunicação da Universidade Federal do Paraná: "Transei com um pessoal da Floresta [apelido do campus de Comunicação] sem camisinha. Cmo [sic] conto que estou com clamídia? Pfv [sic], ajudeem...". A publicação iniciou uma discussão sobre um possível surto de clamídia no campus e gerou engajamento no spotted, com diversos comentários na publicação e inclusive outros recados anônimos de alunos também revelando terem contraído a IST. Nas semanas que seguiram as publicações, foi questionada a veracidade dos relatos e também foram feitos comentários na página debochando deles. Se os relatos eram verdadeiros ou não, não há como saber, mas todo esse desdobramento levou a uma reflexão sobre a falta de informação, a desconsideração quanto à real importância do tema e até mesmo a irresponsabilidade desses jovens universitários. Segundo dados do Ministério da Saúde, quase metade dos jovens brasileiros (entre 15 e 24 anos) não usa camisinha. Isso aumenta o risco de transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), como a clamídia - uma das infecções mais comuns entre os jovens, mas que não recebe muita atenção de alertas preventivos. Pensando nisso, foi desenvolvido no primeiro semestre de 2019 para a disciplina de Produção Publicitária Sonora no curso de Publicidade e Propaganda da UFPR o "Funk da Clamídia", um jingle cujo objetivo era a conscientização sobre a clamídia no meio universitário. A proposta do trabalho era a de criar um produto de rádio (spot comercial ou jingle) de até 45 segundos sobre um tema de escolha do grupo, o que proporcionou ampla liberdade para criação; a modalidade em que este trabalho se enquadra é "Jingle (avulso)". De modo a seguir um tom descontraído e uma linguagem jovem, a canção "Funk da Clamídia" é do gênero brasileiro funk, muito popular no meio do público-alvo desejado - jovens universitários, entre 17 e 25 anos de idade. A letra da canção alerta para as formas de contrair a IST, os sintomas, a forma correta de se prevenir e de proceder caso a infecção seja contraída. Todo esse discurso é realizado por uma linguagem informal, com uso de gírias e sotaque carioca caricato, inspirado por funkeiras conhecidas, como MC Mayara e Tati Quebra Barraco. Desenvolvido para circular em festas do campus de Comunicação da UFPR, bem como em grupos de estudantes da rede social Whatsapp, o "Funk da Clamídia" cumpre um papel importante de levar informações sobre saúde a um público de interesse, de forma humorística e cativante, para que não se esqueçam mais.

### DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Para reunir as informações necessárias para compor a canção, foram realizadas pesquisas documentais em portais de saúde e também pesquisa de referências musicais. No que diz respeito à parte informativa da letra da canção, como dados sobre a bactéria causadora da clamídia, as formas de transmissão e prevenção, os sintomas e sobre quais são os grupos de risco à IST, foram realizadas buscas em portais como o do Ministério da Saúde ([www.saude.gov.br](http://www.saude.gov.br)) e na página do Dr. Drauzio Varella, respeitado médico oncologista, pelo portal UOL ([www.drauziovarella.uol.com.br](http://www.drauziovarella.uol.com.br)). Quanto às referências para a canção - tanto no que diz respeito à letra e métrica quanto ao que diz respeito às batidas - o foco foi direcionado a faixas que marcaram a infância e adolescência do público-alvo. De modo a abranger a notoriedade do funk carioca e também trazer um pouco do funk da região Sul para maior identificação com o público ouvinte, foram analisados lançamentos desde o início da década de 2000 até o ano 2015. Deste modo, as principais influências usadas foram a funkeira Mc Mayara, artista curitibana que viralizou nas redes em 2013, e a Mc Tati Quebra Barraco, artista nascida no Rio de Janeiro e considerada uma das pioneiras do gênero. A partir disso, o produto final traz - além da inspiração para o ritmo e as batidas digitais - referência na estrutura pergunta-resposta ao funk "Atoladinha" (2006), que conta com a participação de Tati Quebra Barraco e que está no "Top 10" canções mais votadas da lista "Funk Anos 2000" no portal popular de música Vagalume, além de marcar presença na maior parte das playlists de mesmo nome em serviços de streaming, como o Spotify. Tendo essas informações e referências em mente, foi possível avançar para as próximas etapas - o processo criativo e a produção.

### **DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:**

O processo de criação do jingle teve início na tomada de decisão de produzir um funk. A partir da noção de que nenhum integrante do grupo tinha conhecimentos de técnicas musicais e aptidão para vocais, a discussão que guiou a escolha do gênero foi focada em opções que não exigissem essas habilidades, chegando-se a duas possibilidades: rap, que poderia ter uma linguagem mais "falada" que cantada, e funk. Levando em consideração os interesses do público-alvo, que está em constante contato com o funk em festas universitárias, e o fato de não ser necessária técnica musical avançada para criar um funk de credibilidade, foi esse o gênero selecionado ao final. O processo de composição da letra levou primeiramente a uma versão diferente da final. Essa primeira versão era um diálogo entre dois amigos, em que um deles relatava ter tido relações com uma mulher na noite anterior e estar com suspeita de alguma infecção; o amigo, então, apontava que podia ser clamídia e alertava para os riscos do sexo sem uso de preservativo. Após análises em grupo dessa primeira letra, notou-se que a narrativa seguia uma lógica heteronormativa e pouco inclusiva, e, portanto, abrangia apenas parte do público de risco; não deixava clara a mensagem de que a clamídia pode ser transmitida sempre que há relação sexual sem proteção, inclusive de forma oral, independentemente de gênero ou orientação sexual. Foi decidido reiniciar a composição do zero. Assim, foi criada uma nova letra, com uma nova melodia, que se tornou a versão final. Essa versão apresentava como narrativa uma voz feminina como fonte de informações sobre os riscos da IST, e, ao longo da canção, contava com interjeições de mais três vozes - duas femininas e outra masculina - com dúvidas sobre o tema, que eram respondidas pela voz principal logo em seguida. Os vocais foram gravados pelos próprios integrantes do grupo, com equipamentos próprios em casa; a edição e masterização de áudio foi realizada no software Adobe Audition. Visto que nenhum dos integrantes do grupo tinha experiência prévia em produção musical, foi buscado o auxílio de um colega do curso de Comunicação Social da UFPR, Marcelo Giovanni Nogueira da Silva, que realizou a função de operador de som - como realizaria o técnico do laboratório de rádio da universidade. A batida da canção foi produzida a partir de samples - pacote de áudios pré-gravados - de percussões eletrônicas típicas do funk brasileiro e o vocal foi alterado com uso de autotune - plug-in nativo do programa Audition que corrige automaticamente tom - tanto para polir a voz, que carecia de técnica vocal, quanto para referenciar o uso comum desse recurso no gênero, como por exemplo em "Envolvimento", de Mc Loma e as Gêmeas Lacreção. A assinatura ao fim da canção "Esse hit contagia, a clamídia também" foi construída como uma brincadeira, seguindo o tom humorístico da letra e criando um paralelo para transmitir a mensagem de que, assim como um "hit chiclete" que não sai da cabeça, os cuidados com a saúde sexual não devem nunca ser esquecidos; o que é reforçado em seguida com a locução feminina "Use sempre camisinha".